

A GEOGRAFIA DE *A FERRO E FOGO*

Prof. Dr. Ivânia Campigotto Aquino (UPF)
Prof. Dr. Márcia Helena S. Barbosa (UPF)

Resumo:

No presente trabalho, desenvolvemos um estudo sobre a relação de proximidade entre a literatura e a geografia no romance. Para isso, recorremos à proposta teórico-metodológica do crítico italiano Franco Moretti, que consiste, basicamente, em estudar a geografia literária de uma obra e, a partir da seleção de aspectos textuais, elaborar mapas que ilustram o enredo. A vinculação que se cria entre a literatura e a geografia, por meio dos mapas, faz emergir do universo narrado os elementos que ajudam a esclarecer as relações entre espaço e personagens, construídas na ação que estrutura um romance, e permite interpretar a visão do autor acerca do tempo histórico representado. A análise se aplica ao romance em dois volumes *A ferro e fogo* – tempo de solidão e *A ferro e fogo* – tempo de guerra, do escritor Josué Guimarães, o qual trata da colonização alemã no Rio Grande do Sul.

Palavras-chave: geografia literária, romance, colonização alemã, identidade.

1 Literatura e Geografia

É preciso buscar novas orientações para focalizar o gênero romance, uma vez que este sempre se qualifica em sua construção. O debate relativo à questão da renovação conceitual e metodológica de abordagem da literatura muito se enriquece com as pesquisas do crítico italiano Franco Moretti, o qual, definindo literatura como um fenômeno cultural, busca um método de estudá-la capaz de fazê-la manifestar-se em sua estrutura e na interpretação do contexto a que se refere. Sob essa concepção, propõe uma análise do romance com base na geografia. Nesse sentido, sua compreensão é de que “a geografia não é um recipiente inerte, não é uma caixa onde a história cultural ‘ocorre’, mas uma força ativa, que impregna o campo literário e o conforma em profundidade” (MORETTI, 2003. p. 13).

Sua ideia-síntese é elaborar mapas de romances. Com essa ferramenta intelectual é possível mapear as narrativas ficcionais, construindo, por esse meio, uma conexão visível entre geografia e literatura. Assim, a imagem criada faz emergir, do universo narrado, os elementos que ajudam a esclarecer as relações de espaço e personagens construídas na ação que estrutura um romance e interpretar a visão do autor acerca do tempo histórico representado.

Em *Atlas do romance europeu 1800-1900* (2003), Moretti explica que a geografia literária pode se referir a dois aspectos muito diferentes: “Pode indicar o estudo do espaço na literatura; ou ainda, da literatura no espaço. No primeiro caso, a dominante é ficcional. (...). No segundo caso, é um espaço histórico real” (MORETTI, 2003. p. 13). Em ambos os casos, a questão principal é descobrir como a geografia configura a estrutura narrativa do romance. Trata-se de usar mapas sistematicamente para interpretar o enredo de um romance. Os mapas são ferramentas analíticas “que dissecam o texto de uma maneira incomum, trazendo à luz relações que de outro modo ficariam ocultas. Um bom mapa vale mil palavras, dizem os cartógrafos, e eles estão certos: porque ele produz mil palavras: levanta dúvidas, ideias. Coloca novas questões e nos força a buscar novas respostas” (MORETTI, 2003. p. 14). O método de estudo para se fazer a geografia literária consiste, primeiro, em selecionar um aspecto textual; depois, em encontrar os dados sobre esse aspecto, colocá-los no papel e, finalmente, examinar o mapa, tecendo uma interpretação da construção visual.

A literatura e a geografia formam uma relação que remete à configuração dos espaços no

interior da narrativa, sendo possível, através disso, situar o fenômeno literário que se manifesta nos romances. Nessa proposta, literatura e geografia se entrelaçam à medida que certos dados e recursos que são familiares a geógrafos passam a ser instrumentos para a análise literária. Assim, é certo que a geografia é ressignificada na sua função.

Neste estudo, seguindo a proposta de Moretti, os mapas construídos surgem dos aspectos textuais que, inicialmente, foram selecionados. Para explicá-los, descrevem-se os principais espaços que circunscrevem as ações das personagens, colocando em evidência, dessa forma, as dimensões físico-espaciais que compõem a estrutura interna do romance em estudo. Assim, analisa-se o espaço na literatura que explicita versões da colônia¹ e dos demais lugares onde os alemães se encontram, sendo a Colônia Alemã de São Leopoldo, Chuí e Porto Alegre os principais. Esse é o espaço onde a dominante é a ficcional, como diferencia Moretti (2003) ao dizer que também há o espaço histórico real, quando o estudo é sobre a literatura no espaço.

Na sequência da interpretação dos mapas, faz-se uma leitura do modo como Josué Guimarães aproveitou o espaço na construção do enredo. A sua construção toma forma na comparação com enredos de outros romances sobre imigração alemã, anteriores a *A ferro e fogo*. Selecionou-se, para essa análise, os quatro romances principais sobre imigração alemã no RS que foram escritos antes da década de 1970: *A divina Pastora* (1847 - Caldre e Fião), *Frida Meyer* (1924 - Vivaldo Coaracy), *Um rio imita o Reno* (1938 - Vianna Moog) e *O tempo e o vento* (1949 a 1965 - Erico Verissimo). Assim, a partir da comparação, é possível identificar aproximações e distanciamentos de Josué Guimarães com os demais autores no tratamento da matéria literária, observando os padrões que surgem.

2 Dos reinos germânicos para São Leopoldo

O grupo das personagens alemãs do romance imita o grupo dos primeiros imigrantes que chegaram ao Rio Grande do Sul, em julho de 1824. Na ficção e na realidade, os sujeitos alemães passam um longo tempo em navios e desembarcam nas terras da extinta Real Feitoria de Linho Cânhamo, no Faxinal do Courita.

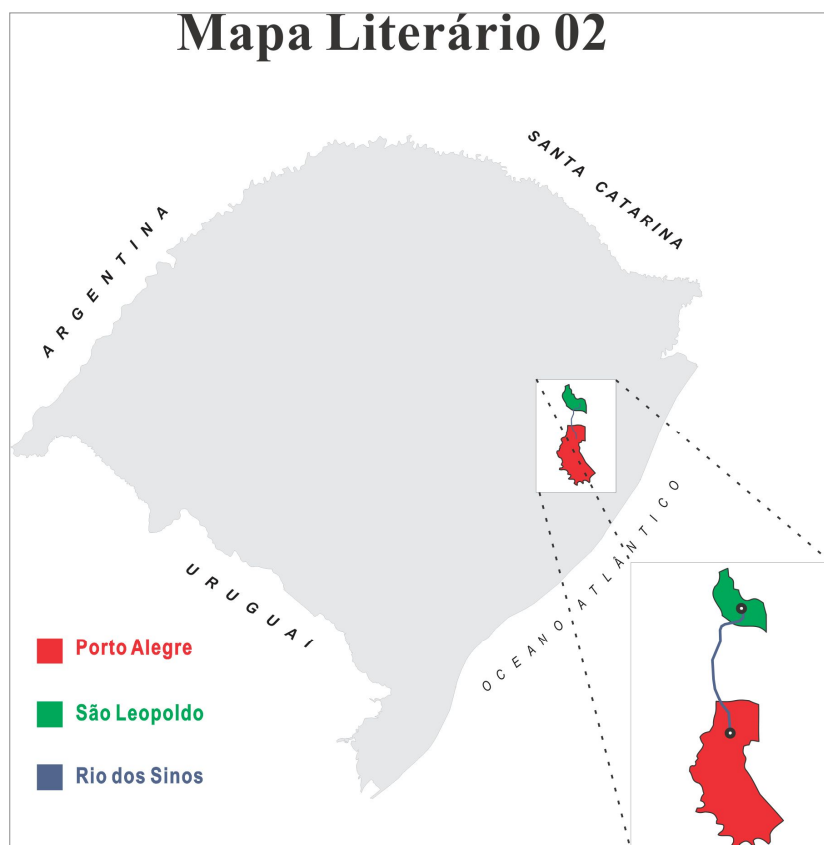
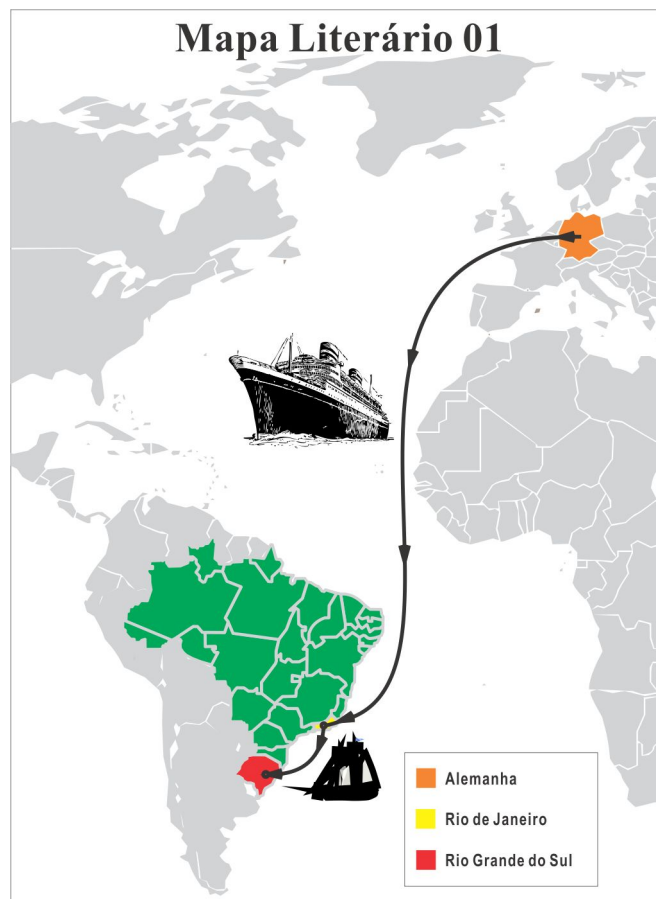
O Mapa Literário 1, que mostra a travessia das personagens, indica de imediato uma particularidade do enredo: as dimensões transatlânticas do caminho e desembarque no Rio Grande do Sul conferem à narrativa contornos de uma construção épica. Esses contornos não são verificáveis nas narrativas antecedentes. Na de Josué, as lembranças e as sensações do que aconteceu na viagem invadem, seguidamente, a memória das personagens, transformando, assim, o espaço e o tempo que definiram a navegação num elemento essencial para a forma do enredo (épica).

Entretanto, se por este mapa perguntarmos sobre como o romance de Josué se separa ou se aproxima das obras literárias de mesma temática que o antecederam na literatura gaúcha, chegaremos a um padrão de referência ao espaço e ao tempo histórico. O padrão é de aproximação, pois também os outros romances que narram a saída do povo dos reinos germânicos e a sua fixação em São Leopoldo, apenas sem as vivências da viagem no navio. Deduz-se, nesses, o deslocamento, mas não se tem as memórias. Lembremos que todos situam suas personagens nesses dois espaços geográficos, que são o de saída e o de chegada e a posterior fixação. Também situam-nas no tempo de início do processo de colonização, tendo, todas elas, integrado os primeiros grupos de imigrantes.

¹ O termo colônia será usado constantemente neste trabalho para designar a área rural em sua totalidade na qual os imigrantes alemães se fixaram como pequenos proprietários. Não se refere, portanto, ao lote particular de cada família.

Recrutados em seus estados germânicos pelo Major Jorge Antônio Schaeffer, partem para o Brasil. São embarcados no navio *Wilhelmine*, que os traz até o Rio de Janeiro, de onde seguem a Porto Alegre na sumaca *São Francisco de Paula*. Pelo Sinos, continuam navegando até o destino final: Colônia Alemã de São Leopoldo, trajeto este representado no Mapa Literário 2.

Esse Mapa traz a primeira indicação textual de que as personagens imigrantes dirigem-se a um local isolado, cujo acesso só é possível por rio. Essa concepção de espaço será manifestada e reforçada ao longo da narrativa, participando diretamente na construção das personagens.



Fixam-se, portanto, no local onde o imperador dom Pedro I determina que se crie a primeira colônia alemã da então província de São Pedro, obedecendo ao que se anunciava na proposta de colonização das terras do sul do Brasil recém-independente de Portugal. Nesse espaço as personagens iniciam as suas trajetórias de colonizadores.

As autoridades locais providenciam a desocupação da área, que era habitada por negros, a fim de que as personagens possam ocupá-la. Transfere-se para o Rio de Janeiro o que era da Feitoria e que não seria deixado para os novos moradores. “Dali para frente a terra seria dos alemães mandados buscar pelo

imperador, senhor do continente; a eles caberiam as dores e as alegrias daquela beirada de serra

onde índios e tigres espreitavam, enchendo as noites de rumores estranhos, de gelados silêncios” (GUIMARÃES, 2006. p. 8). A terra doada tem estes limites geográficos:

Todo o Faxinal de Courita (...) com duas léguas de comprimento pela costa do rio dos Sinos; mais um campo fechado ao norte pelo mesmo rio, tudo somando seis ou sete léguas de circunferência; mais um mato que fazia frente ao mesmo campo, com uma légua de fundo para noroeste (GUIMARÃES, 2006. p. 8).

Na Colônia, as famílias têm como suas primeiras habitações os casebres dos escravos que trabalharam na Feitoria. O novo lar, a terra da fartura, como ouviram dizer quando foram recrutados, é uma decepção. Embora a explicação seja de que não passaria de uma instalação provisória, os imigrantes se debatem com uma demora imprevista para ter suas casas e os demais bens e objetos que o governo prometeu ao oferecer-lhes a terra, como nos explica o narrador:

Na brumosa manhã do dia seguinte, domingo, o seleiro Schneider e os outros trataram de voltar aos casebres da extinta Real Feitoria do Linho Cânhamo, no Faxinal da Courita, onde há mais de três meses aguardavam que o governo cumprisse com o que lhes fora prometido na Alemanha: uma colônia, de terras de papel passado, alguma ferramenta, sementes e animais domésticos (GUIMARÃES, 2006. p. 8).

O clima da espera atribui ao lugar uma força sufocante, que age sobre o ânimo dos moradores inconformados. São terras sem bonança que os recebem. O local assim caracterizado evidencia a força das personagens no enfrentamento da situação sem conforto, pois, apesar dessa situação, os alemães trabalham incansavelmente, organizam-se silenciados e alimentam a esperança de construir a auto-suficiência tão sonhada.

Na Colônia, o ambiente forma-se entre conhecidos, uma vez que vivem na comunidade somente os da mesma etnia. Falam sua língua de origem, socializam as mesmas preocupações com relação às terras, às moradias, à alimentação, expressam sentimentos comuns, como os que os invadem quando sentem as ausências da terra natal.

O que as personagens vivenciam no início da narrativa entrelaça tempo e espaço. A saída dos reinos germânicos não significou um movimento apenas no espaço, mas também no tempo, pois estão mergulhadas no primeiro estágio de desenvolvimento da então Província, cabendo-lhes, para sobreviver e progredir, transformar e nele avançar, ano após ano, na produção agrícola, no trabalho manual e na prática comercial. Assim, tornam-no contemporâneo.

O Mapa Literário 2 permite verificar que o romance corrobora a ideia corrente de que a etnia alemã constituiu um povoamento isolado da sociedade já organizada na época, a da região da Campanha, formada por luso-brasileiros, negros e bugres, que até então determinava a economia do lugar com a produção do charque. Assim, a narrativa traz uma configura homogênea da comunidade alemã.

3 O espaço da família protagonista

A família Schneider está na centralidade da narrativa, sendo, portanto, a protagonista da história. Reside nos principais espaços geográficos da história, representados no Mapa Literário 03. Os deslocamentos e as fixações em moradias ilustrados nesse Mapa abrigam a seguinte narração, que requer outros mapas para melhor ilustrá-la (mapas 04 e 05).

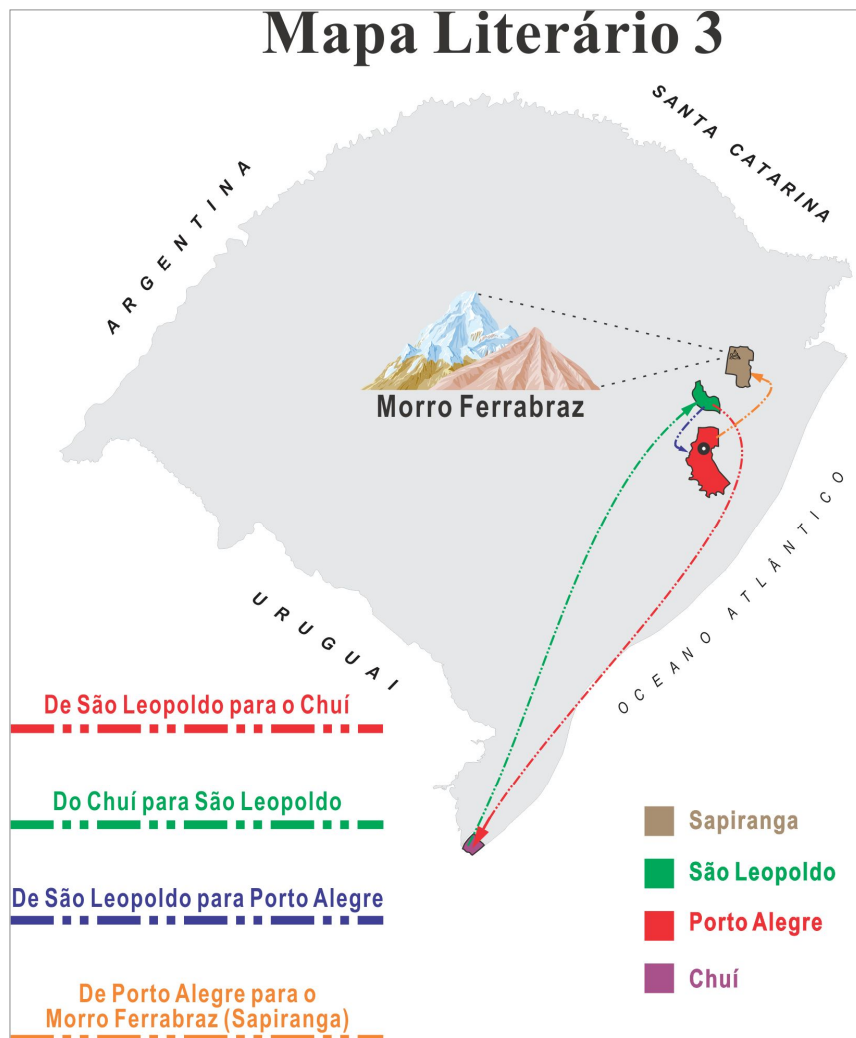
Os Schneider permanecem um tempo na colônia e, sem progredir, acumuladas as dificuldades, aceitam uma proposta do alemão Gründling de se fixar e trabalhar na fronteira do estado. Lá passariam a receber e guardar mercadorias importadas por Gründling e seu amigo Schaeffer para serem negociadas no Brasil. Ocorre neste momento da narrativa um dos principais deslocamentos de personagens: a saída da Colônia de São Leopoldo rumo ao Chuí.

O caminho percorrido é amplamente desenhado (ver Mapa Literário 04): de São Leopoldo

vai em direção a Viamão. Passa por estâncias, segue o caminho que leva para os lados de Rio Grande, atravessa a freguesia do Estreito e Bujuru, o arroio das Cabeças. Unindo estes pontos do caminho, só largos descampados, que deixam ver ao longe os sinais, pelas dunas, de que o mar está naquelas direções. Anda pela faixa do Albardão, sentindo o cheiro de maresia. Passa pelas lagoas Mirim e Mangueira até, finalmente, chegar ao destino.

No caminho percorrido pela família, Josué narra a presença de espanhóis, os quais movimentam-se livremente em território brasileiros, encontrando-se com a comitiva dos alemães. Com essa opção narrativa, o escritor reforça a ideia de que a visão de fronteira externa fechada é uma ilusão, é apenas documento entre governos. Além disso, antecipa a presença das personagens vilãs – espanhóis – que mais tarde, na estância, cometerão atos violentos contra a família Schneider, especialmente contra a mulher – Catarina.

Uma grande figueira caracteriza o lugar em que se fixam, denominado Estância de Jerebatuba. Há também “pequenos capões de mato ralo, um olho d’água na beira de um banhado, um córrego minguido correndo pelo campo, sinuoso, cobra molhada cercada por arbustos mais encorpados” (GUIMARÃES, 2006. p. 21). Nesse cenário funda-se uma estância. A tarefa imediata que os aguarda é construir o rancho principal: “Paredes de varas trançadas, rebocadas de barro, cobertura de palha, duas peças” (GUIMARÃES, 2006. p. 21). Para os escravos que herdaram de Gründling, fazem outra choupana. Toma forma, assim, a uma longa distância da Colônia, uma outra ocupação espacial, ampliando a geografia que abarca as personagens imigrantes alemãs no Rio Grande do Sul.



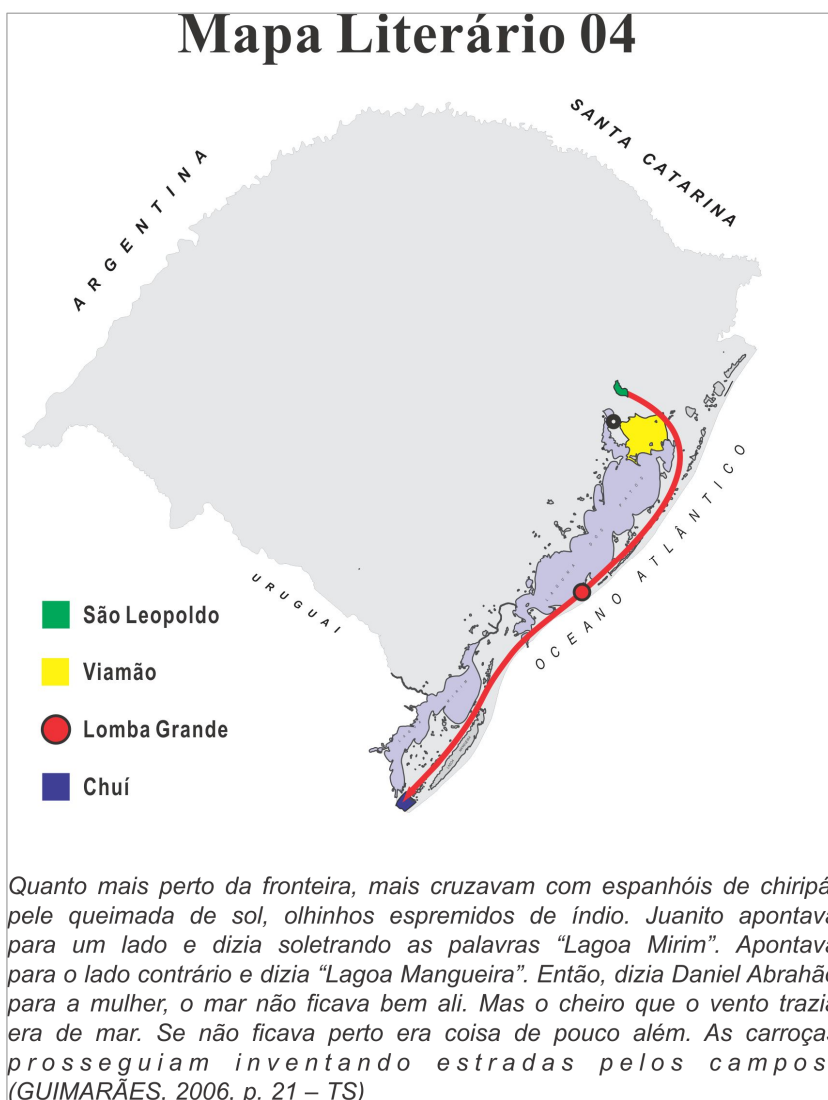
Examinando o Mapa Literário 04, percebemos que a composição do espaço na narrativa potencializa a ideia de isolamento. Esse recurso estrutural impulsiona as personagens para a entrega ao trabalho e à família, como se verifica com Catarina. Mas não só isso: indica a vulnerabilidade a que as povoações de fronteira ficavam submetidas. Fixar, temporariamente, a família protagonista no Chuí permite ao narrador contemplar a realidade de um território desprotegido em suas fronteiras.

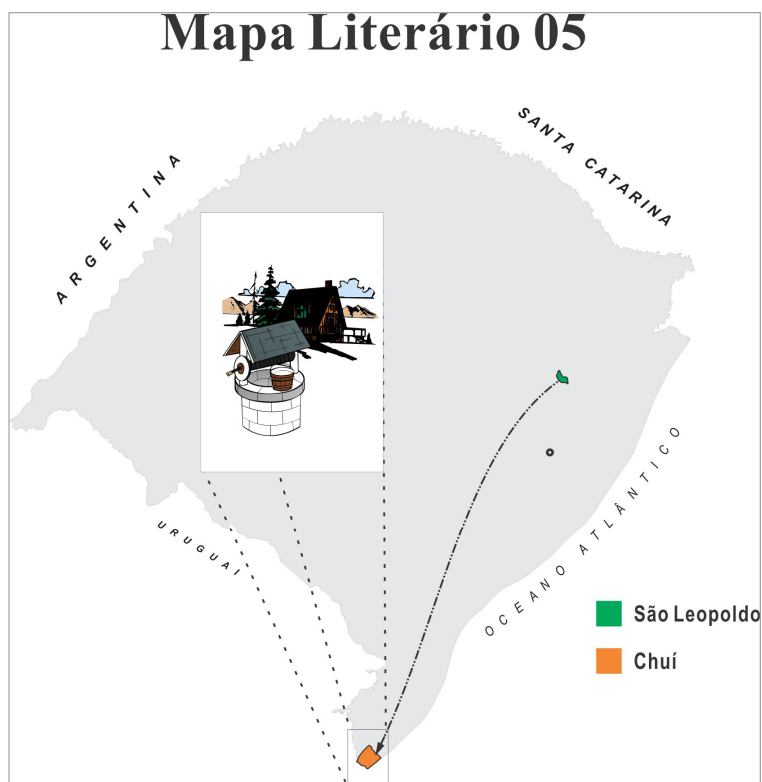
Nesse espaço, as dificuldades e o sofrimento não vêm somente da luta no trabalho, mas também de algo alheio a qualquer sentimento e objetivo com que as personagens tinham decidido emigrar de seu estado germânico: as guerras que marcavam a região fronteiriça. Sua estância fica no caminho das tropas brasileiras e castelhanas que se movimentam na região em luta pela posse das terras e

fixação das fronteiras. A presença dos invasores militares transforma cenários e sentimentos da família, causando, inevitavelmente, violências e perdas.

A primeira mudança decorreu da chegada dos castelhanos. Com isso, um espaço novo, insólito, passa a ser a morada do alemão dono da casa, Daniel Abrahão: o poço de água, destacado no Mapa Literário 05.

Diante da ameaça de violência contra o chefe da família, ação esta costumeira dos soldados que dominam a região, Catarina ordena que o marido desça para o poço, evitando, assim, seu enforcamento, fato por ela previsto. “Empurrou o marido atônito para os lados do poço. (...) – Desce pela corda e fica lá dentro. – E tu, Catarina, pelo amor de Deus, e tu? – Desce.” GUIMARÃES, 2006. p. 31-32). Ela cuidaria do que viria a acontecer fora do poço. Às tropas, que logo chegam, indica, com gestos, já que não fala a língua deles, que o marido seguiu para o norte, para os lados de Rio Grande, preso por outra tropa de soldados.





Os atos violentos da tropa, no entanto, não foram evitados. No galpão, descobrem um arsenal de espingardas - esta é a mercadoria negociada por Gründling que Daniel Abrahão recebia em sua estância sem saber, pois apenas via os caixotes lacrados sendo depositados e, logo depois, carregados por alemães de São Leopoldo – e passam a espancar o índio, exigindo-lhe explicações. Catarina, que assume a função de enfrentar todo o problema e de se preocupar com a sobrevivência da família, fica exposta e é violentada sucessivas vezes por estes soldados. Mais tarde, é atacada e abusada também pelos soldados brasileiros que por ali passam. Ora, o lugar é desguarnecido, porque é um descampado, isolado. Nele, exércitos agem livremente, praticando o poder

que lhes convêm e espalhando, assim, o terror entre quem está na sua trilha. Também é o espaço permissivo para negociações ilícitas, já que não conta com fiscalização de governo.

A permanência dos soldados nas proximidades da casa condiciona Daniel Abrahão a permanecer no poço por um longo período. Para tanto, o buraco vai, aos poucos, sendo adaptado para se tornar uma morada habitável. Sua condição lá embaixo é semelhante à de um tatu: cava e cava; crava as unhas nos vãos das pedras; ao falar, grunhe ou rosna; fica dentro da caverna com as pernas encolhidas, curvado como um feto.

A acomodação da personagem, seguida de uma resignação à sua condição de sua vida, acaba acontecendo: “Daniel cavara mais, escorara as paredes e já podia dormir com as pernas estendidas. Tinha até o conforto de garrafas com água, charque cozido e pão” (GUIMARÃES, 2006. p. 39). E quando os soldados castelhanos vão para a fronteira, esvaziando o lugar, ao invés de abandonar o buraco e voltar à superfície, ele diz a Catarina que a morada está boa, que ela não se preocupe, já consegue até ficar sentado. A partir de então, a geografia da superfície deixa de interferir no desenvolvimento da trajetória dessa personagem. O sentido de sua existência se constrói no interior da terra: “Sua vida ganhava, agora, uma nova rotina. (...). Conseguia dormir no seco, sentindo o corpo murcho e os membros lassos. Como um bicho. Lembrou-se da frase de Gründling ‘cavar a terra como uma toupeira’. Um verme” (GUIMARÃES, 2006. p. 39).

A tropa seguinte que aparece é de soldados brasileiros, os quais procuram por um certo fugido de São Leopoldo que trafica armas para os castelhanos, um tal de Schneider. Como não o encontram, deixam dito, antes de partir, que, se o encontrarem, ele será passado pelas armas. Diante disso, Catarina avalia que, por enquanto, a solução é o marido permanecer no poço. A estância ainda receberia mais tropas em combate: “Ainda não era bem uma guerra. Os piquetes avançados dos castelhanos invadiam a terra gaúcha, eram enxotados pelos batalhões que partiam de Rio Grande. Arrebanhavam mais soldados, corriam com os brasileiros. A terra de ninguém era, ora de um, ora de outro bando” (GUIMARÃES, 2006. p. 42).

Essa é a referência à guerra Cisplatina, que ocorreu de fato entre 1825 e 1828, envolvendo o Brasil e Argentina na disputa do atual Uruguai. Com ela se inicia a participação dos colonos alemães no exército brasileiro.

Valentim Oestereich, de São Leopoldo, servindo ao exército brasileiro na Cisplatina, passa

pela estância e, ao terminar a guerra, negocia a morada com Catarina. Ela lhe deixa a terra no Chuí e ele lhe dá uma casa em São Leopoldo. Catarina entusiasma-se pelo negócio depois de ouvir de Oestereich que os soldados ansiavam por voltar às suas casas, rever filhos, mulher, amigos. Com o relato, ela sente algo que, depois de se estabelecer na estância, mesmo com o sofrimento que as tropas lhes haviam causado, jamais imaginou sentir: voltar para São Leopoldo, o seu local de destino quando emigrara, manifestando um desejo de integra-se aos seus e participar daquela vida em comunidade. Assim, à vontade de nunca abandonar a estância, onde tanto trabalhou e muitas coisas construiu, sobrepõe-se a desmotivação de ali permanecer. “Lutei o que pude por estas terras, jurei a mim mesma que daqui ninguém me arrancaria com vida. Hoje, não vejo mais motivos para isso” (GUIMARÃES, 2006. p. 99), afirma.

É mais um recomeço. A família de Catarina passa a morar novamente em São Leopoldo (ver Mapa Literário 03), na rua do Sacramento, sem número, numa casinha de pau-a-pique, duas janelas e uma porta, paredes caiadas de branco, tudo muito pequeno. Por isso, a primeira providência, tomada pela mulher, visto que o marido só fica acuado, é aumentar a casa e construir um abrigo para os negros que permanecem com eles; ainda, um galpão para as carroças. Junto a casa funciona uma oficina, na qual o marido passa a trabalhar, produzindo serigotes, carroças.

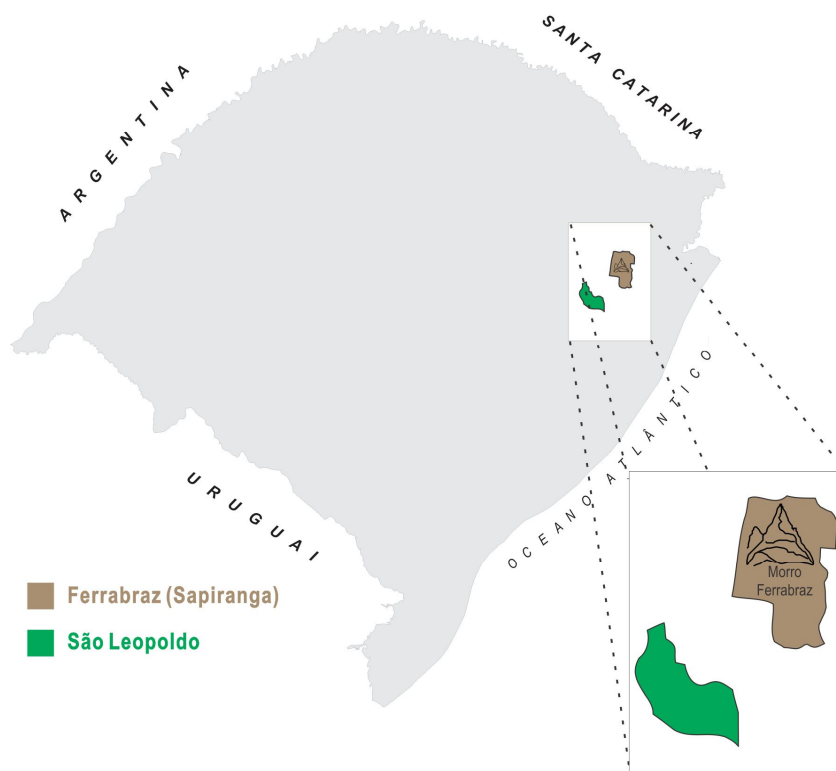
Daniel Abrahão não consegue mais dormir sobre a terra. Com esse comportamento da personagem, o espaço da caverna é mantido na narrativa:

Num pedaço de chão do telheiro, Daniel Abrahão cavou um grande buraco, fez sobre ele uma cobertura de madeira e bem ao centro engendrou uma porta de alçapão. Catarina nem perguntou para que serviria aquele buraco. Sabia muito bem. Pronta a nova toca, o marido cobrira o fundo com palha seca, ajeitou uma cama com varas finas de eucalipto, forrou o tramado com um grosso cobertor, encheu uma fronha com feno, escondeu lá embaixo suas varas-calendário, suas pedras trazidas de Jerebatuba, seu lampiãozinho de óleo de peixe. Acabado o dia, lá se enfurnava ele, tomando o cuidado de prender a porta do alçapão por dentro (GUIMARÃES, 2006. p. 119).

Muitos anos depois, quando a família Schneider já agrega genros, noras e netos, Daniel Abrahão continua morando debaixo da terra. E quando Catarina resolve derrubar a casa bastante velha e, no mesmo lugar, construir outra, ele avisa: “que se fizesse a casa dali para a frente, daquele lado para o outro, que não tocassem na sua moradia, só ele e Deus sabiam por que a sua casa era aquela, viessem os tempos que viessem” (GUIMARÃES, 2008. p.169).

O poço – caverna- é o abrigo que protege a personagem das oscilações do espaço coletivo, que lhe é insuportável. Ali é um lugar silencioso e imóvel. Só no poço ele tem a sensação de ordem e quietude de que necessita para o seu mundo isolado. Nesse sentido, a dependência do espaço fechado é um elemento fundamental da estrutura narrativa. Josué precisa manter Daniel Abrahão no poço para que Catarina se fortaleça. Assim, constrói o enredo com a força que emerge do contraste das ações vividas no espaço aberto e “transformado” por Catarina com as do espaço fechado e “adaptado” de seu marido.

Mapa Literário 6



Na nova casa, o poço é eliminado. Nessa mudança de rumo da narrativa está a completude da vivência do casal. Catarina e Daniel Abrahão são o que são por força das circunstâncias sob as quais viveram. No final sabemos que, se Catarina for excluída do enredo, Daniel desaparece.

Como podemos ver no Mapa Literário 06, o lugar de Daniel Abrahão agora passa a ser o Ferrabraz, junto a Jacobina Maurer, sendo-lhe servil no ensino da leitura e interpretação da Bíblia. Assim, o seu mundo fechado, feito da repetição de gestos mecânicos e pragmáticos, é completado com a visão unilateral de salvação, numa devoção sem medidas a Deus. O novo espaço, embora seja em cima da terra, não tem o

significado de abertura e inserção social para a personagem, pois esta assume uma missão dentro de uma prática de fanatismo religioso, o que acaba intensificando a sua reclusão do contexto social. Sua convivência será com os pares que socializam o mesmo pensamento e as mesmas crenças, e não com as adversidades. Este final de narrativa em *A ferro e fogo* anuncia o início de outra: a que narraria a vivência da família Schneider, e as consequências disso, na comunidade formada no Morro Ferrabraz.

4 Conclusão

Guimarães encontrou sua versão de abordagem da colonização. Ao mesmo tempo em que, relativamente ao espaço geográfico da colonização, dialoga com os romancistas que o antecederam na escrita sobre imigração alemã, também, em parte, distancia-se deles. Assim, dialoga com Caldre e Fião, Vivaldo Coaracy, Vianna Moog e Erico Verissimo ao manter a colônia de São Leopoldo e a cidade de Porto Alegre como espaços centrais da narrativa e se distancia deles ao introduzir o espaço do Chuí. E esse novo espaço é o elemento essencial para estruturar o enredo na dimensão dramática e trágica da história: o descampado condena a família protagonista ao isolamento e, consequentemente, à violência dos soldados.

Todo o universo do romance organiza-se em torno de dois eixos, representados pelos Schneider: família e trabalho. Assim se constrói o espaço socioeconômico de *A ferro e fogo*, baseando-se nos indícios que o autor fornece, tais como a força dos laços entre pais e filhos, os casamentos étnicos, o cultivo da terra, a comercialização dos produtos, o trabalho manual.

Os eixos estruturantes exercem atrações e repulsões no enredo, proporcionando um efeito dramático às ações das personagens. Família e trabalho braçal são responsáveis pelo heroísmo, enquanto que a ausência de ambos leva à vida de vilão e, fatalmente, ao sofrimento como uma forma de castigo. As trajetórias das personagens são, portanto, determinadas pela relação entre as forças dos dois eixos.

O romance *A ferro e fogo* dá forma a um espaço marcado por embates do homem com a

natureza, do homem consigo mesmo e dos homens entre si. Josué recria imagens originárias de São Leopoldo e redondezas, da fronteira oriental e de Porto Alegre. Também, num entrelaçamento da história (guerras) com a geografia (o descampado da fronteira), estrutura as passagens literárias que remetem à memória da participação dos alemães nas disputas dos países sulinos para fixar as fronteiras de cada um: Brasil, Uruguai e Paraguai.

A geografia literária que é construída no romance ilustra o espaço e o tempo primitivos da colonização alemã no Rio Grande do Sul, que a História reconhece como determinantes nos rumos da agricultura, do comércio e da indústria do estado. Nesse sentido, os mapas mostram os aspectos textuais que qualificam a narrativa como uma epopeia da colonização, narrando o drama de uma população que busca fazer a sua história na relação com a terra, movida por determinação, trabalho e organização familiar. Mostram também imagens dos estrangeiros imigrantes no espaço estrangeiro por eles formado dentro do Rio Grande do Sul. E essa é uma evidente questão de identidade.

A identidade se mostra, de alguma forma, em todos os mapas, pois os aspectos textuais selecionados para elaborá-los são permeados por conceitos de família, trabalho, língua, os quais se tornam categorias fundamentais para se reconhecer o pertencimento de um grupo a uma determinada etnia. Nesse sentido, percebemos que Josué formulou uma questão fundamental para se interpretar a imigração alemã no Rio Grande do Sul: integrar e conviver ou diluir e perder a identidade?

Referências Bibliográficas

- CALDRE e FIÃO, José Antonio do Vale. *A divina pastora*. Porto Alegre: RBS, 1992.
- COARACY, Vivaldo. *Frida Mayer*. São Paulo: Companhia Graphico. Editora Monteiro Lobato, 1924.
- GUIMARÃES, Josué. *A ferro e fogo: tempo de solidão*. Rio de Janeiro: Sabiá, 1972.
- GUIMARÃES, Josué. *A ferro e fogo: tempo de guerra*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.
- MOOG, Clodomir Vianna. *Um rio imita o Reno*. Porto Alegre: IEL: Corag, 2005.
- MORETTI, Franco. *Atlas do romance europeu: 1800-1900*. São Paulo: Boitempo, 2003.
- VERÍSSIMO, Erico. *O tempo e o vento*. Parte I: O continente. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. v. 1.
- VERÍSSIMO, Erico. *O tempo e o vento*. Parte I: O continente. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. v. 2.
- VERÍSSIMO, Erico. *O tempo e o vento*. Parte II: O retrato. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. v.1.
- VERÍSSIMO, Erico. *O tempo e o vento*. Parte II: O Retrato. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. v. 2.
- VERÍSSIMO, Erico. *O tempo e o vento*. Parte III: O arquipélago. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. v. 1.
- VERÍSSIMO, Erico. *O tempo e o vento*. Parte III: O arquipélago. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. v. 2.
- VERÍSSIMO, Erico. *O tempo e o vento*, parte III: O arquipélago. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. v.3. **conferir**